



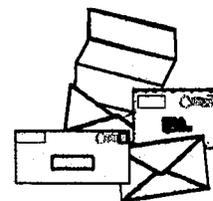
O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



Viva Cristo Rei

Escrevem os leitores



"Estou recebendo "O Desbravador" há vários anos porque gosto muito dessa revista. Ela conta a vida dos santos e eu gosto de saber para poder imitar os seus exemplos. Estou remetendo, via banco, ... Já é a terceira vez que envio colaboração para "O Desbravador". Vocês estão de parabéns pela publicação e assinatura gratuita.

JOAQUIM CARNEIRO
SÃO PAULO - SP

"Lendo O Desbravador, adquirindo por mim das mãos de um amigo, gostei muito. Então, desde já, gostaria que vocês me enviassem exemplares atuais ou atrasados deste folheto. Os meus agradecimentos. Um abraço em Cristo e Maria Santíssima.

JOSÉ WILLIAM BONFIM DA SILVA
CRISTOLÂNDIA - PI

"Conheci o vosso maravilhoso jornalzinho no ano de 85, através do pároco da cidade onde morava na época. Achei-o maravilhoso, um verdadeiro milagre nestes nossos tempos onde quase não se encontra mais revistas autênticas no Cristianismo, na fé Católica e ensinamentos de Cristo. Deus lhes pague por continuar através dos anos levando JESUS e MARIA a cada lar, família, paróquia e a cada alma onde chega "O Desbravador". Gostaria de pedir-lhes alguns favores: o primeiro seria receber o jornal, pois o leio sempre de outras pessoas; o segundo seria pedir, se possível, que publicassem novamente duas histórias de números passados: uma está no n.º 131-132/1990 e tem como título "O Carvãozinho", a 2ª tem o título "A Montanha de Cristal".

IRMÃ MARIA DO CARMO
APARECIDA - SP

"Desejo continuar recebendo o riquíssimo jornalzinho "O Desbravador", que nos faz crescer em santidade."

MARIA DO SOCÓRRO LUNA FERREIRA
BRASÍLIA - DF

"É com um imenso prazer que eu recebo "O Desbravador", e vocês sempre foram muito gentis me enviando o mesmo."

IVONE
SÃO PAULO - SP

"Em resposta a sua correspondência de 8 do corrente mês, somente recebida a 25/09, cumpra-me dizer que já estava por escrever a V.Sª, sendo que, nesta data, depusitei no Bradesco a quantia de ..., como pagamento da renovação de assinatura da apreciada revista "O Desbravador". Segue anexo o comprovante do referido depósito."

JOSÉ IGNÁCIO SOARES
PELOTAS - RS



O DESBRAVADOR
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFNO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - gjmatos@uol.com.br

Editorial

Numa época como a nossa é cada dia mais raro o número de verdadeiros heróis. Os nossos tempos não aceitam idealismo, dedicação, sacrifício.

Aceitam-se pessoas “boazinhas”, “corretas”, segundo o mundo, mas almas que vivem por Deus e para Deus, almas que derramem seu sangue, que entreguem sua vida pela Fé, isso eles não aceitam, classificando tal atitude de exagero e de fanatismo.

E, nesse diapasão, com jovens sem ideal, sem Fé e sem virtude, vemos uma juventude enlameada de vícios, e um povo sem razão para viver.

Neste século tivemos um episódio em que um povo católico, uma juventude fiel, sofreram, lutaram e derramaram seu sangue pela Santa Igreja Católica.

Foi no México, na década de 1920, quando um governo tirânico e perseguidor da Igreja quis extirpar a verdadeira Religião daquele país.

Os católicos, homens e mulheres, de todas as idades, de todas as posições sociais, ergueram-se por Deus e pela Pátria e escreveram páginas dignas dos primeiros mártires, dos cruzados, dos grandes heróis da Fé.

Mães desprendidas, esposas desapegadas, padres heróicos, jovens lutadores.

E é com alegria que “O Desbravador” dá aos seus leitores a oportunidade de conhecer o que foi a epopéia do México católico, esperando que a chama do ideal católico inflame os corações de nossos leitores.

Pedimos à Virgem de Guadalupe que faça de nossos leitores, católicos da têmpera dos heróis da Fé mexicanos. Que vivam e morram para que Nosso Senhor e Nossa Senhora reinem e triunfem.



As pessoas do mundo têm suas leis: “subir na vida”, “fazer fortuna”, “ser famoso”, “Ter boa posição”, “ser agradável”, etc. São os “mandamentos” do mundo, que os mundanos seguem com rigor e fidelidade, e para alcançar seus objetivos suportam qualquer coisa.

Por outro lado, aquele que foge desses “mandamentos”, para eles é um louco.

Ou seja, eles vivem voltados para as coisas desta vida. Vivem para o que passa, para o efêmero, para o que não dura, para o que acaba.

Em outras palavras, eles destinam a sua existência a uns bens materiais, a alguns momentos de fama, a pequenos e reprováveis momentos de pecado.

E, curioso, eles acham loucura não ser como eles e, no entanto, vivem por coisas tão pequenas, tão fugazes e tão reprováveis.

Perguntamos: quem é louco?

Será louco, quem tudo faz para agradar a Deus, para salvar a sua alma e se santificar? Ou serão loucos eles, os mundanos, que vivem por coisas tão mesquinhas e muitas vezes tão condenáveis.



Tantas vezes publicamos nas nossas frases de rodapé uma que diz que *quem não faz o que é necessário para sua salvação eterna ou não tem fé ou é louco*. Essa frase mostra que a verdadeira loucura, a maior insanidade, é viver para o dinheiro, para a fama, para os prazeres, para as coisas mesquinhas, enfim.

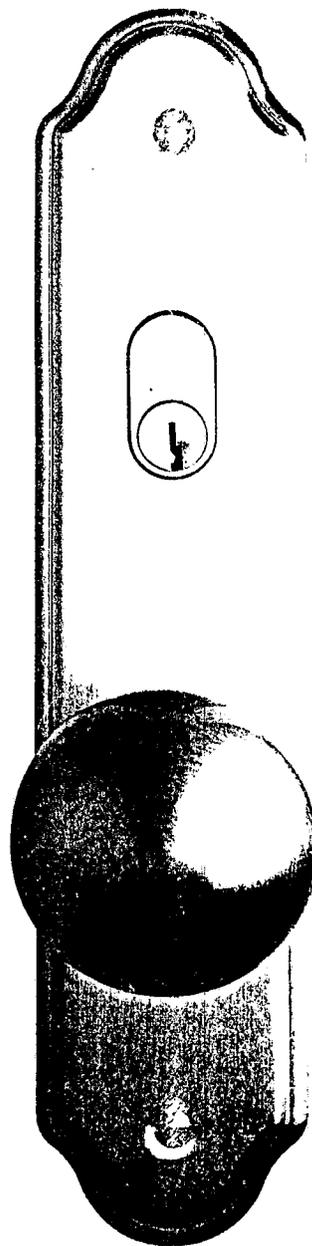
“*Louco sou se não sou santo*” diz a famosa frase do poeta espanhol Lope de Vega. Louco, profundamente louco, desvairado, acrescentamos.

No inferno de nada valerão a fama, as riquezas, os prazeres e, quem para essas coisas viver, quem a elas se dedicar, só merece o nome de louco.

Um santo, em tudo que ia fazer ou realizar, perguntava: “*que aproveita isso para a eternidade?*”. Esse pensamento deve nos acompanhar se nós não quisermos ser loucos.

Que Nossa Senhora nos livre, e aos nossos leitores, do cruel cativo da loucura do mundanismo.

Quem é Louco?



O MÉXICO MÁRTIR



Em 1521 o México foi conquistado pelos espanhóis, chefiados por Hernan Cortez. Logo após começou a Evangelização desse país.

Após um início tímido, as conversões à verdadeira Fé ganharam enorme impulso após as aparições de Nossa Senhora de Guadalupe em dezembro de 1531. Em peso, o México se tornou Católico. Dois séculos depois, o Papa Bento XVI, referindo-se a elas disse: “Deus não fez coisa igual para nenhuma outra nação”.

Anos após a independência, em 1857, o México foi abalado por leis anti-católicas, chamadas “leis da reforma”. Tais leis propunham, por exemplo, a proibição de assistência religiosa nos hospitais, a existência de cemitérios católicos entre outras coisas.

Após a implantação dessas leis, por uns tempos, elas não foram muito acionadas, sem perderem, entretanto a vigência.

Em 1917, com governos revolucionários, de tendências comunistas e ateístas, elas foram acionadas e outras foram promulgadas, também de caráter antireligioso.

Essas e outras leis eram de um furor contra a Santa Igreja que lembravam os Neros romanos.

Assim a Igreja não podia possuir, herdar, suceder; as confissões e as missas eram proibidas; o ensino religioso abolido.

A monstrosidade dessas leis chegava ao ponto de punir pais que falassem em vocação religiosa aos filhos. Isso sem se falar da perseguição que ia se fazendo à Igreja e aos Católicos.

Essa perseguição chegou ao máximo na presidência de Plutarco Elia Calles. Este impõe aos funcionários públicos a alternativa de perderem o emprego ou renunciarem a Cristo.

Em Guadalajara, de 400 professores, 389 preferem ser destituídos a trair a Fé. Após isso começam as prisões.

Os Católicos resolvem reagir. Num primeiro momento fazem um abaixo-assinado de dois milhões de assinaturas pedindo a revogação das leis iníquas. Os políticos mexicanos não levaram em conta a petição.

Não sendo ouvidos, os Católicos partiram para a desobediência ativa. Tirava-se dinheiro dos bancos, não se comprava, não se gastava, para com isso forçarem a revogar as leis sinistras. Na verdade, o comércio sentiu o baque, a arrecadação de impostos caiu, mas os políticos, com o presidente à frente não cederam, uma vez que seu ódio à Fé era imenso.

Não tendo adiantado esses recursos, os fiéis partiram para o confronto. Formam o Exército dos Libertadores. O inimigo apelidou-os de Cristeros e com esse nome passaram à história.



Nessa hora o governo reagiu com fúria satânica. Às profanações a Igrejas, à expulsão de religiosos, uniu-se o massacre de Católicos de todas as idades, de várias condições e classes sociais.

De outra parte, os bons filhos da Igreja foram pródigos em seu heroísmo, sua perseverança, em sua generosidade, em derramar seu sangue. Aos brados de “Viva Cristo Rei”, “Viva a Virgem de Guadalupe”, ao som de hinos religiosos, com o rosário nas mãos, eles escreveram uma das mais belas páginas de nosso século.

Missas clandestinas, novos Tarcísios a levar a Santa Comunhão, muito heroísmo mostraram ao mundo um povo verdadeiramente católico. Poderíamos escrever aqui um livro sobre os martírios então ocorridos. Nossa publicação não comportaria. Seleccionamos alguns casos sublimes para publicar.

Com isso queremos mostrar que um católico deve colocar Deus em primeiro lugar. Queremos, além disso, homenagear esses mártires que caíram no esquecimento e pedir que eles, do Céu, alcancem para nós, de Cristo Rei e da Virgem de Guadalupe, o mesmo ardor, a mesma Fé, o mesmo heroísmo que eles tiveram.



Tomás de la Mora

Tomás tinha 16 anos, nasceu em Colima, aprazível cidade à beira do Oceano Pacífico, de família distinta e abastada. Seu pai, Luiz, era advogado e também cavalheiro de Colombo.

Sempre foi um dos membros mais ativos do Círculo Católico, dedicando-se à Catequese e à instrução religiosa. Era de uma pureza extraordinária.

Sua afirmação de coragem cristã é testemunhada numa carta dirigida a seu irmão, datada de 31 de Maio de 1926. “Peça ao Senhor, escreve ele, que dê a todos os católicos mexicanos a firmeza necessária para não cederem. Não devemos rezar para que a perseguição chegue ao fim e, sim, para que todo católico se torne um herói como nos tempos de Nero”.



Em carta posterior, externa o seu desejo do martírio: “Peço a Deus que me torne Mártir da Fé”. E o seu desejo foi ouvido. Na tarde de 27 de Agosto de 1927, estava brincando no pátio da sua casa, quando dois policiais, passando ao lado, viram sobre o peito descoberto do jovem um escapulário do Sagrado Coração. Incontinentemente, deram-lhe voz de prisão. Tomás seguiu-os sem medo, em demanda do Seminário, transformado em quartel dos callistas. Esperava-o aí o Gal. Eulogio Ortiz, o famigerado soldado de Satanás, de cuja figura ostentava uma tatuagem.

Ao vê-lo, o rapaz esboçou um sorriso, mas o Comandante irritado, gritou-lhe:

Joga fora esse farrapo!

Ora essa! Respondeu Tomás, por que tirar o escapulário? Foi minha mãe que me deu. Será que o senhor também tenciona usá-lo? Se quiser empresto-lhe por algumas horas.

Fica com o teu farrapo. Então não vês que tenho o demônio no corpo? Mas, disse-me, tens, porventura, relações com os fanáticos?



Que fanáticos? Pergunta o rapaz.

Sim, os fanáticos: os padres, os frades, as mulheres católicas e os bandidos.

Não chame de fanáticos os que livram dos tiranos a Igreja e a Pátria.

Ah, então, tu és um deles? Tu que ainda tens leite nos lábios?

Sinto muito, mas, por ora, não posso alistar-me entre eles. Tenho só 16 anos; mas, se fosse maior, já estaria combatendo ombro a ombro com meus irmãos.

Tens irmãos bandidos?! Dizei-me onde estão eles?

E para que ele falasse, mandou açoitá-lo. Tomás, porém, teimava em não dizer palavra.

Convencido de que seria mais fácil conseguir alguma coisa usando de boas maneiras, o Comandante prometeu-lhe a liberdade, se revelasse o esconderijo dos Cristeros.

Se o senhor me deixar sair, irei ter imediatamente com meus irmãos e contar-lhes-ei tudo o que o senhor me disse e fez, para animá-los a combaterem.

Rapaz, interrompeu o oficial, pensa bem no que estás dizendo.

Já pensei e estou pronto para tudo, respondeu-lhe Tomás.

Rapaz, ainda não sabes o que seja a morte.

Menos ainda o sabe o senhor. Sabe-lo-a depois de morto.

Diante da altivez do jovem de 16 anos, a fúria do General chegou ao auge. Sem mais nem menos, ordenou que o enforcassem na praça de Colima, na Árvore da Liberdade.

A interferência de numerosíssimas pessoas da cidade foi vã, assim como foram frustrados os apelos à Constituição e ao direito internacional, que proíbe, em todas as nações, a execução de menores.

O General foi inflexível, e deu ordem para que a sentença se cumprisse sem demora.

Seriam quase meia noite, quando o jovem foi conduzido ao parque da cidade. Ele caminhava entre os guardas, cantando o Hino de Cristo-Rei.

Na hora de lhe colocarem o baraço no pescoço, Tomás repeliu-os com altivez, dizendo:

Arredem-se, soldados de Satanás. Não toquem no corpo do Soldado fiel a Cristo-Rei!

Tirou-lhes a corda das mãos, que ele próprio enrolou em torno do pescoço, e, depois, com grande calma, acrescentou:

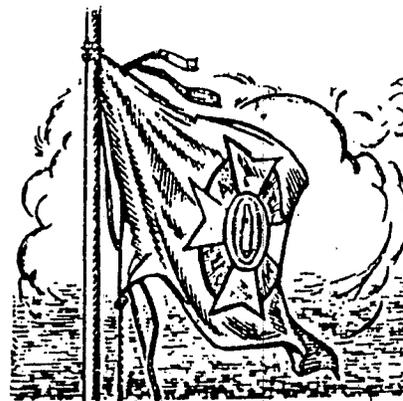
Podem combater contra Deus; mas Deus é mais forte e vencerá! Sim, tão somente Cristo vence, reina, impera e triunfa!

Pedindo-lhe que externasse suas últimas vontades, Tomás olhou para o céu e, sempre sorrindo, falou:

No céu rezarei por minha mãe, por meu pai, por meus irmãos; pela Igreja, pelo Papa, pela Pátria, e, também, pelos meus algozes, para que se convertam. Que felicidade morrer para a glória de Cristo-Rei! Viva Cristo-Rei no México!

A última palavra morreu-lhe na garganta. Um soldado já havia puxado a corda, e o corpo do Mártir balançou no ar.

Na manhã seguinte sobre a sepultura de Tomás de la Mora floresceu milagrosamente um cândido lírio.



Novos São Tarcísios (Mártir da Eucaristia)

Nobres exemplos de firmeza e constância não faltaram nas senhoras, moças e meninas mexicanas. Apesar de sua índole mansa e gentil, souberam entrançar lírios e rosas com as palmas do martírio.

Naqueles tempos de exceção, era às meninas piedosas e inteligentes que se entregavam as Espécies Sagradas, envolvidas em linhas. A inocência dos novos Tarcísios garantia o êxito da santa missão a eles confiada, mesmo à custa da vida.

Rosina Gomez deve ser recordada. Com apenas 12 anos, consagrara-se incansavelmente ao piedoso ofício de levar Jesus Hóstia aos prisioneiros.

Filha do chefe dos carcereiros, que presidia às infectas prisões da Capital, Rosina ia, com a licença materna, todas as manhãs, a uma das estações Eucarísticas. Aí comungava, e o Sacerdote entregava-lhe o Santíssimo Sacramento para os encarcerados. A fim de evitar suspeitas, tirava-se o miolo do pão e, em seu lugar colocavam-se as Espécies Sagradas dentro de panos brancos.



Deste modo, Jesus chegava cada dia aos confessores da Fé, que aguardavam a morte gloriosa. Durava já três meses esse trabalho, quando Rosina começou a ser observada e seguida. Até que um dia, os policiais callistas a detiveram a meio caminho:

Para onde vai? Perguntam-lhe.

Para a minha casa, e tenho pressa, responde a menina.

Que é que tem nas mãos?

Nada para os senhores e tudo para mim.

Ponha fora o pão que tem escondido.

Não é coisa que me pertença.

Os policiais apontam-lhe os revólveres.

Não tenho medo de ninguém. Jesus me dará forças, retruca-lhes ela com calma.

Logo, ajoelha-se, tira as Sagradas Espécies e, para evitar profanações, como nestes casos é permitido, comunga aí mesmo. Um minuto depois, cai assassinada por aqueles leopardos.

A Caminho do calvário na Sexta-Feira Santa

Merece ser recordada com carinho todo especial a paixão de Emanuel Bonilla, nascido na capital e martirizado em S. Diego de Linares. Era presidente do Círculo Juvenil de Tlalpam e trabalhava como linotipista numa tipografia.



Em 15 de Abril de 1927, durante o veraneio numa fazenda em Salazar, foi denunciado por um judas e conduzido à prisão. De lá, escrevia a seu irmão: “Hoje é Sexta-Feira Santa, fui preso e, mui provavelmente, serei fuzilado. Reze por mim”.

Bonilla já desde muito oferecera sua vida pelo triunfo da religião na sua Pátria, como o provam as cartas dirigidas a sua mãe, a seus irmãos e a sua noiva.

“Não chore Lúcia, escrevia à sua noiva. Resigne-se. Viveremos unidos para sempre na outra vida, sem nunca nos separarmos. É a lembrança de um coração que a amou e continuará a amá-la por toda a eternidade”.



No seu diário de 15 de Março de 1927, compusera esta oração em louvor de N. Sra. De Guadalupe: “Oh, minha Senhora, bem sabeis que eu vos amo, e que tão somente por Vós luto e sofro, pronto a dar o meu sangue. Bem sabeis, oh, minha Senhora, como sou sincero. Dizei ao vosso filho Divino que se apresse; pois já é hora de estabelecer no México o seu Reino, do qual sois a Rainha. Se Vós pedirdes, conseguiremos sem demora a liberdade religiosa. Estou em vossas mãos, e Vós, que ledes no meu coração, sabeis que estou pronto a dar a vida por Cristo-Rei!”.

Foi sem processo judiciário ou sumário que Bonilla foi passado pelas armas, na própria Sexta-Feira Santa, às 15 horas, depois de sofrer, como Jesus, a traição, o beijo infame, a prisão, os insultos, as bofetadas, a flagelação e a ignomínia.

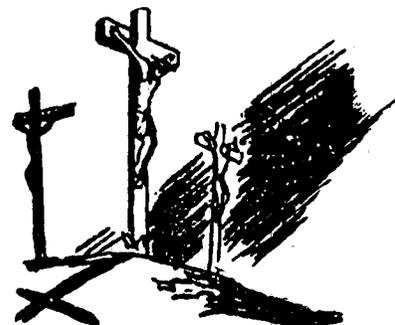
Querendo parodiar a Paixão de Jesus, aqueles malvados, imitando os antigos judeus, amarraram os pés de Bonilla a uma árvore, esticaram-lhe os braços em forma de cruz, e iniciaram as três horas de agonia. Já no fim, mas sempre entre os motejos daquele bando de sacrílegos que assobiava, blasfemava e imitava o latir dos cães e o canto do galo, o oficial do pelotão assassino, gritou-lhe:

São três horas da tarde. É a hora em que o teu Cristo-Rei morreu. Vai para o Céu com Ele.

Assim dizendo, descarregou o revólver à queima-roupa contra o supliciado, que se despediu com estas palavras: “Morro por Deus”.

Quinze dias depois, sua mãe, obtida a licença de exumar o corpo, encontrou-o incorrupto, flexível e com o sangue ainda líquido.

Muitos fiéis atribuem à intercessão deste Mártir graças extraordinárias.



Esposas e Mães de Mártires

René Capistran, o chefe animador da Liga, assim escreveu à sua esposa no dia do casamento:

Lembra-te de que, doravante, pertencendo-te embora completamente, não deixarei de lutar pelo triunfo de Cristo-Rei no México, e que, talvez, um dia te levem o meu cadáver transpassado pela defesa da liberdade religiosa”.

“Compreendo tudo o que me dizes, respondeu-lhe a jovem. Por isso, orgulho-me de ser tua esposa. Cada vez que voltares atingido por balas inimigas, pensarei tuas feridas e te reenviarei imediatamente para o campo da luta”.

Outra companheira digna de um herói é a senhora do advogado Gonzales. Não ignorava que seu marido estava para ser imolado, mas nunca temeu, nem o afastou da luta. E quando lhe trouxeram o cadáver dele, ensangüentado e quase irreconhecível pelas torturas e feridas, chamou os filhos e lhes disse:

Vejam, é seu pai. É um Mártir da Fé. Prometam ser dignos filhos dele e, um dia, continuarem a missão por ele abraçada.

As mães dos Mártires mexicanos não são inferiores às outras dos primeiros séculos do Cristianismo.

Salvador Calderón, de 23 anos, fuzilado em Morélia, aos 22 de Fevereiro de 1927, foi assistido na última hora por sua própria mãe. Verdadeira mulher forte, após haver encorajado o filho, ao ouvir a descarga que o vitimava, exclamou: “Virgem Santíssima de Guadalupe, apresentai a alma dele a Cristo-Rei, vosso Filho”.

A mãe de Joaquim Silva, ao ter notícia do assassinio do filho, rompeu neste agradecimento: “Senhor eu vos agradeço a grande honra que me destes, tornando-me digna de ser mãe de um Mártir. E ainda: “Senhor, eis aqui meus doze filhos. Ofereço-vo-los todos para o vosso triunfo”.



Quando a mãe do Eng.º Dr. Segura Vilchis, valoroso chefe da Liga da Liberdade na Capital, soube da captura deste, procurou o Gal. Obregon, solicitando-o a intervir em favor do filho inocente. Obregon, longe de comover-se à vista daquela mãe que de joelhos o suplicava, repeliu-a com brutalidade, escarrou-lhe no rosto e quebrou-lhe dois dentes com um pontapé. A pobre criatura respondeu ao criminoso: “De hoje em diante compartilho com muita alegria a paixão do meu filho, sendo ferida como sou pelo mesmo algoz”.

Diante dos dois Vargas, trucidados barbaramente com o advogado Gonzales, a mãe disse a outro filho seu: “Vê, os teus irmãos já estão no céu. Trabalha para que não sejas privado de tamanha sorte.”

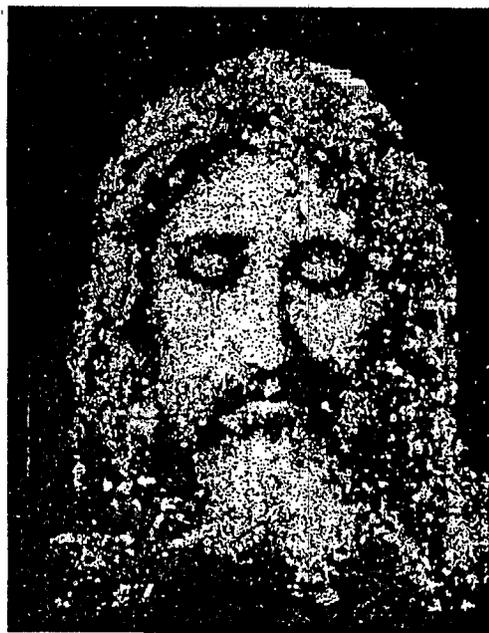


Ouvindo que seu filho fora crucificado, a heróica mãe de Bonilha, o Mártir da Sexta-Feira Santa, que o havia socorrido levando-lhes às escondidas os alimentos, correu ao lugar do martírio e carregou o corpo, todo lanhado, até a sua casa. Não aceitou condolências. “Antes, dizia, alegrem-se comigo, pois eu sou a mãe feliz de um Mártir”. Em lembrança do filho, continuou, durante muitos meses, suas peregrinações pelas montanhas, levando mantimentos e indumentária aos soldados de Cristo-Rei.

José Sanchez Del Rio

José Sanchez del Rio pertencia à Juventude Católica, da seção dos Aspirantes. Tinha 13 anos quando Calles iniciou a sua carnificina. Quis fazer parte do Exército dos Libertadores, e apresentou-se ao general Mendoza.

Se não souber atirar com o fuzil, disse-lhe, poderei, ao menos, prestar algum serviço: cuidar dos cavalos, da cozinha, apanhar água, preparar munições. Deixe-me ser Soldado de Cristo-Rei.



Tantas insistências convenceram o General a aceitar o pedido. Mas a mãe do pequeno, tremia pela sorte do filhinho

Ora, minha mãe, dizia-lhe ele para animá-la, não me deixe perder esta boa oportunidade de ganhar o Paraíso com tão pouca fadiga e tão depressa.

Qual seria o segredo de tamanho ardor pela Santa causa?

A Santa Comunhão cotidiana. Tal como os Mártires dos primeiros séculos. Rezara muito junto da sepultura do Proto-mártir da Juventude Católica mexicana: Joaquim Silva, e desta sua oração o aspirante Sanchez saiu Soldado de Cristo-Rei, na expectativa do seu glorioso martírio.

No acampamento dos Libertadores, Sanchez era o benjamim. Seu maior desejo, porém, era entrar em combate.



Pouco depois do seu alistamento, foi admitido no corpo de expedição, que teve de empenhar-se a fundo na batalha de Gotija, aos 5 de Fevereiro de 1928. Sanchez estava ao lado do General Mendoza, quando, no mais aceso furor da luta, o cavalo do General tombou ao solo fulminado. Ato contínuo, o soldadinho apeou-se e disse-lhe:

General, tome o meu cavalo. Que importa que me matem? O senhor é aqui mais necessário do que eu.

E, escondido atrás de uma pedra, Sanchez continuou a atirar, até que, esgotadas as munições, foi aprisionado.

Admirado ao ver um menino feito soldado, o Gal. Guerrero indagou:

Que está fazendo, menino? Não sabe que vamos fuzilá-lo?

Que me importa? Retrucou Sanchez. Fiquem sabendo que só me prenderam porque estava sem munição; ainda assim, não me entrego.

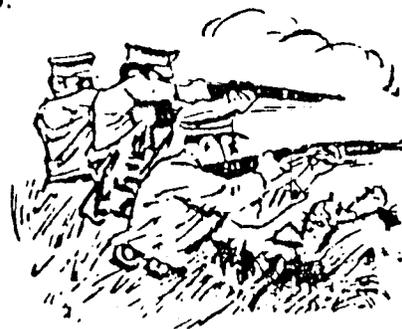
Deixe-se disso, garoto. Ninguém pretende fazer-lhe mal algum. Fique conosco e diga-nos o que sabe dos rebeldes.

Eu, traidor dos meus irmãos? Nunca! Respondeu com altivez o menino. Que pensam que eu seja? Um judeu como vocês? Disseram-me que eu era um inimigo. Então, devem fuzilar-me!

Tais respostas espantaram a todos. No entanto, guardaram-no como prisioneiro, na esperança de conseguir tirar-lhe informações acerca dos Libertadores. Com modos brandos ou violentos, ele acabaria cedendo.

Foi, então, fechado na Igreja da aldeia, transformada pelos callistas em galinheiro. Sanchez passou aí a noite inteira, rezando. Mas, em dado momento, percebeu a presença de galos e galinhas na Igreja. Perpassou-lhe um frêmito de justa indignação. Não teve dúvidas. Ergueu-se e torceu o pescoço de todos aqueles animais que profanavam a casa de Deus. É fácil imaginar a irritação dos guardas, quando, pela manhã, deram com a inesperada matança. Investindo contra o pequeno, bateram-no até vê-lo derramar sangue. Por toda resposta, Sanchez dizia-lhes, sorrindo:

Deixem-me vivo para morrer Mártir fuzilado.



Era preciso meter-lhe medo. Levaram-no, pois, a assistir ao enforcamento de um Libertador. O alvitre não deu resultado. Muito ao contrário, o próprio menino começou a encorajar o colega.

Lázaro, não se esqueça de me preparar um bom lugar lá em cima. Peço-lhe avisar a Cristo-Rei que me espere por toda esta noite.

Pedi e obteve escrever a sua mãe.

“Mamãe querida. Fui feito prisioneiro e esta noite serei fuzilado. Cheguei, finalmente, a hora tão desejada. Abraço a senhora e todos os meus irmãos, e prometo-lhes um bom lugar no Paraíso”. E assinava-se: “José Sanchez del Rio, que morre em defesa da Fé, por amor de Cristo-Rei e da Rainha N. Sra. De Guadalupe”.

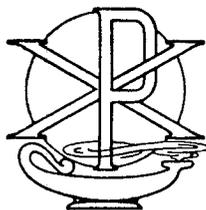


Seriam 23 horas do dia 10 de Fevereiro de 1928, quando o menino era conduzido ao cemitério. Caminhava cantando o hino: “Cristo vence, Cristo reina, Cristo impera”. Ao chegar ao cemitério, perguntou onde estava a sua cova e vendo-a, para lá se dirigiu, ajoelhou-se e beijou-a. Em seguida, deu mais uns passos e colocou-se à beira da cova “para impedir - dizia - que o seu corpo fosse tocado pelas mãos dos anticristos, esmo depois de morto”. Aquelas feras avançaram então, sobre ele o transpassaram a punhaladas. Conspergido em sangue que jorrava de inúmeras feridas, Sanchez não tremia nem chorava.

Para frente, repetia, para frente sempre! Mais um pouquinho e estarei com o Cristo.

Um tiro de revólver na cabeça, e caiu morto na cova.

O sepulcro deste valoroso menino Soldado de Cristo-Rei é, hoje, glorioso.



Gabino Alcazar

Alistou-se aos 80 anos. Cristão integral e pai de família numerosa, Gabino Alcazar sentia ferver-lhe o sangue nas veias, ouvindo as atrocidades de Calles. “Tenho ainda pouco tempo de vida, dizia aos filhos, e por que não hei de gastá-lo para Cristo-Rei? Todos somos seus súditos e todos temos os mesmos deveres”.

Na manhã do dia 3 de Março de 1927, engajou-se ele e três dos seus filhos, no Exército dos Libertadores: “Chegou a hora de morrermos mártires, disse ele aos seus na hora da despedida. Desejo que a vossa morte seja tal qual a minha. Vamos combater por Deus”.

O velho soldado de Cristo receberia, dentro em breve, sua coroa de glória. Nos dias que se seguiram, tomou parte em três combates, com uma tenacidade extraordinária. Aos 12 de Março, na batalha do Rio de las Huertas pulara da trincheira para avançar contra o inimigo. Oculto atrás de uma rocha, atirou até o último cartucho. Mas os callistas o cercaram, gritando-lhe:

Entrega-te, velho!

Os Soldados de Cristo-Rei morrem, mas não se rendem, respondeu ele com altivez.

Entrega-te, ou te matamos.

Cair sim, ceder nunca!

E para que os callistas não se apoderassem do seu fuzil, Gabino quebrou-o em dois pedaços, que atirou contra o inimigo, dizendo-lhes:

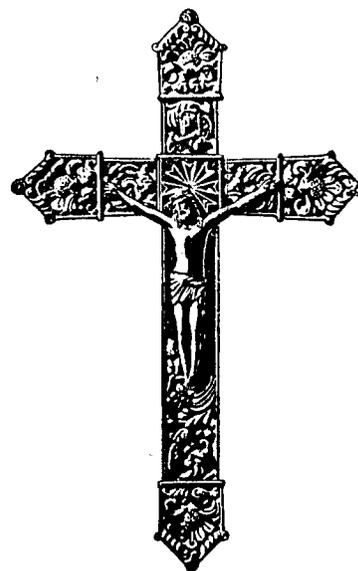
Tomem e entreguem isso ao seu Calles Nero.

Seus olhos têm um lampejo de alegria. Uma descarga o prostra e, ao mesmo tempo, a sua mão aberta se levanta para o céu ao grito de “Viva Cristo-Rei”.



“As almas dos justos estão nas mãos de Deus; o tormento da morte não chega a tocá-los. Afigura-se aos olhos dos insensatos vê-los morrerem, e chamam de fim miserável àquilo que para nós é caminho do céu. Mas as almas dos justos descansam na paz. Atormentados pelos homens, sua esperança tomou vulto na eternidade”.

Com essas palavras se adaptam ao velho soldado Gabino Alcazar!



São João de Deus

São João de Deus, fundador dos Irmãos de Caridade, nasceu em 1495, em Montemor o Novo, em Portugal. Na idade de oito anos abandonou a casa paterna e foi, durante 22 anos, pastor em Orepota. Também tomou parte numa campanha contra a França. Uma queda que levou do cavalo, enfraqueceu-o, e acusações difamantes privaram-no da confiança dos patrões. Assim voltou a ser pastor.

Em 1532 se alistou no exército austríaco e esteve na guerra contra os turcos. Quando voltou para Portugal, não encontrou mais os pais vivos. Triste e ao mesmo tempo arrependido do passado, fez o propósito de cumprir futuramente os deveres de cristão.

Pela terceira vez entrou em serviço de pastor, para depois acompanhar à África um fidalgo exilado e sustentar a família do mesmo com o trabalho das suas mãos.

Poucos anos depois, procurou ganhar a vida na Espanha, pondo à venda livros, catecismos e quadros.



Um sermão que ouviu de São João d'Avila, fê-lo mudar de rumo, para começar uma vida extraordinariamente santa.

Tudo que possuía, deu aos pobres e aos presos.

O sentimento de contrição dos pecados, levou-o a praticar ações tão esquisitas, que havido e tratado por louco. Como tal foi tido e maltratado no hospital, até que os conselhos de São João d'Avila o determinaram a modificar esse proceder.



João dedicou-se então ao serviço dos doentes. Para este fim fundou em Granada um pequeno hospital e tratava os enfermos com tanta caridade e dedicação, que lhe foram oferecidos os meios para aumentar o estabelecimento.

Um incêndio destruiu a Santa Casa. João permaneceu durante meia hora no meio das chamas, salvando doentes e móveis. Este fato extraordinário, geralmente considerado milagre, consolidou ainda mais as simpatias, que já possuía. Em pouco tempo saía das ruínas novo hospital, maior que o primeiro.

A caridade não se lhe limitava aos doentes do seu estabelecimento, procurava de preferência pobres e doentes nas respectivas casas, levando-lhes o auxílio, de que necessitavam.

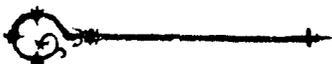
Particular interesse votava aos pobres infelizes, escravos do pecado. Com conselhos, orações e principalmente pela caridade efetiva, reconduziu muitas destas pobres criaturas ao caminho do dever e da virtude.

Não havia em Granada quem não se admirasse da atividade espantosa do homem, que poucos anos antes era qualificado como doido.

O Arcebispo começou a interessar-se pela obra de João, e poucas pessoas não faltaram que se oferecessem ao benfeitor da humanidade, para tomar parte nas suas obras caritativas.

João nunca tinha pensado em fundar uma Ordem, mas o Bispo de Tuy, presidente da câmara real de Granada, D. Sebastião Ramirez, animou-o a dar à fundação um caráter religioso e vestiu-lhe o hábito, impondo-lhe o nome de João de Deus.

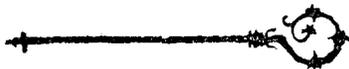
Só seis anos depois da morte de João, foi composta uma regra e em 1570 os primeiros religiosos da Ordem emitiram os santos votos.



Era a caridade personificada para com os outros, e para si reservava o rigor, a penitência. Na mortificação e oração achava força contra as tentações.

Muito perseguido, nunca lhe veio o sentimento de vingança: “Hei de perdoar aos inimigos, - dizia - se quiser salvar a minha alma, isto mais cedo ou mais tarde, neste caso perdoarei já de uma vez”.

Em tempo de uma grande inundação, o Santo tinha exposto a vida, na obra da salvação de muitas pessoas. A consequência foi uma grave doença, que lhe abriu as portas da eternidade.



Em certa ocasião, acusado da facilidade com que aceitava no hospital doentes e pobres, entre estas pessoas de má vida, o Santo respondeu ao Arcebispo de Granada o seguinte: “O Filho de Deus veio a este mundo para salvar os pecadores e nossa obrigação é auxiliá-lo nesta missão de convertê-los. Para isto temos a oração e os conselhos. Eu seria infiel à minha vocação, não cumprindo este dever. Para minha confusão confesso que neste hospital não sei de outro pecador a não ser de mim, que não sou digno de comer o pão dos pobres.”

Esta resposta, dada com muita naturalidade e humildade, comoveu ao Arcebispo, que ainda uma vez pôde convencer-se da grande santidade de João.

João de Deus morreu em 08 de Março de 1550. A canonização teve lugar em 1690.

A Ordem fundada por S. João de Deus floresce em muitos países. Na Espanha os religiosos têm o título de Hospitaleiros, na França são chamados de Irmãos de Caridade, na Alemanha têm o nome de Irmãos de Misericórdia e na Itália todos os conhecem sob o título de “Fate bene fratelli” ou “Bom fratelli”.



REFLEXÕES:

“Se é verdade que devo perdoar aos inimigos, sob pena de perder a minha própria alma, então perdão já a todos que me ofenderam.” Assim falava S. João de Deus e muito acertado andou em proceder deste modo.

A ira e o ódio são duas paixões perigosíssimas, que, uma vez aninhadas no coração, o levam a todos os desvarios e quanto mais tempo ali se alojarem, quanto mais forem atendidas e animadas, mais terríveis se tornarão.

Com elas no coração, não se salva, porque onde há ira e ódio, não há perdão, não há caridade, não há misericórdia.

Urge, pois, fazer violência e arrancá-las, custe o que custar. É melhor perdoar logo, do que deixar crescer a paixão do ódio e a dificuldade de exterminá-la.

“A ira mora no coração do tolo.” (Ecle. 7.10)
“Não se ponha o sol sobre a vossa ira” (Efes. 4. 26).

“Tende compaixão de vós mesmos” dizia S. João de Deus, quando ia pedindo esmolas.

Queria dizer que a pessoa que dá esmola, é benfeitor de si mesma. “Quem é misericordioso faz bem à sua alma.” (Prov. 11. 17).

O Evangelho diz: “Dá aos pobres e terás em tesouro no Céu” (Marc. 10. 21).

O pobre a quem é dada a esmola, recebe um benefício material e passageiro; quem dá esmola, recebe a benção de Deus e a recompensa eterna. “Vinde, benditos de meu Pai e possui o reino, que vos foi preparado desde o princípio do mundo, pois eu tive fome e me destes de comer.” (Math. 25 34,35).

MISSÃO SUBLIME

São José Moscati

Muitos blasfemos, infelizes e delinquentes vêm terminar seus dias no Hospital e isso porque Deus os quer salvos! Nos hospitais, a missão das irmãs, dos médicos, dos enfermeiros, é colaborar com esta infinita misericórdia, auxiliando, perdendo, sacrificando-se.

Oh! Como é sublime a missão do médico, vista por este prisma e à luz do Cristianismo! Não; não basta salvar o corpo; as mais das vezes é a alma que tem necessidade de descanso e de conforto; tudo isso é dor. E se o verdadeiro escopo da ciência médica é reduzir a soma das dores humanas, que de mais nobre pode existir senão elevar e consolar as almas?

“Nós, os médicos, bem pouco podemos! Por isso quando não nos for possível salvar o corpo, procuremos socorrer a alma; e, diante dos infelizes, lembremos dos deveres espirituais que herdamos da fé dos nosso antepassados”.



COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, “O Desbravador” deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

Dois homens andavam por um caminho que, atravessando um campo e subindo uma colina, ia morrer às portas de uma bela cidade à beira-mar. O primeiro viajante ia à frente e tinha muita pressa. Era primavera, o dia estava lindo e a temperatura agradável. Como a cidade era longe e ele tinha negócios importantes, era preciso aproveitar o bom tempo, e por isso, ele se apressava.

O segundo caminhante vinha atrás, e lentamente. Ele também tinha negócios, mas era primavera, o dia estava lindo e a temperatura agradável. Era melhor andar calmamente, olhando e meditando. Os negócios podiam esperar.

O primeiro vendo, o sol dissipar as brumas da manhã, cogitava: “é bom que a terra se aqueça. Logo poderei plantar as minhas cebolas”. O outro, elevando a mente da flor para o sol, meditava como a luz e o calor figuram bem a Deus e suas graças.

O caminho passava ao lado de um pântano. O primeiro, sabendo que ali se poderia plantar arroz, criar porcos, ou caçar rãs, exclamou satisfeito: “até um pântano, se bem cultivado, pode dar lucros”. O outro, vendo naquele lugar sombrio e mal cheiroso as figuras da preguiça, do marasmo, e da impureza, aumentou ainda mais o seu horror a esses vícios, e pensou: “até um pântano se bem meditado, pode elevar a Deus”.



O Sábio e o Cego



O primeiro, ao vislumbrar de relance alguma flor que se abria, pensava: “cheguei a primavera e isso é bom. Não há mais chuvas nem neves, e a mercadoria não se estragará. Os lucros serão maiores”. O segundo parava em frente da flor, e admirando-a, dizia: “chegou a primavera, as flores se abrem. É o símbolo da ressurreição. É o catecismo que Deus escreveu no Universo, para ensinar os homens”.

Subiram a colina e avistaram o mar. Ao primeiro, as águas diziam: “não, os teus navios ainda não chegaram”. E as ondas quebrando, ao segundo cantavam: “Deus é poderoso; Deus é imortal”.

Numa bela manhã, dois andavam, trilhando um caminho. Um deles era cego, pois só via seu próprio interesse, o outro era sábio, pois em tudo via a Deus.